



"Investing in Africa's Future"

**COLLEGE OF SOCIAL SCIENCES THEOLOGY
HUMANITIES AND EDUCATION**

**HPO325 HISTORY OF PORTUGUESE LITERATURE FROM THE 12TH TO
THE 18TH CENTURY
END OF SECOND SEMESTER EXAMINATIONS**

APRIL/MAY 2017

LECTURER: (A. CHIMUZU)

DURATION: (3 HRS)

INSTRUÇÕES

1. Leia o enunciado com atenção e responda às perguntas com clareza e objectividade.
 2. Responda apenas 3 questões
 3. Comece a responder uma nova questão numa folha nova.
-

Instruções:

- Leia o enunciado com atenção e responda às perguntas com clareza e objectividade;
- Responda apenas 3 questões à sua escolha;
- Comece a responder uma nova questão numa folha nova.

1a QUESTÃO (20 pontos)

Coube ao século XIX a descoberta surpreendente primeira época lírica que floresceu em Portugal e na Galiza, bem como em Castela, Leão e Aragão, de fins do século XII a meados do século XIV.

a) Em pelo menos duas páginas fale deste período literário, incluindo o seu contexto histórico, tipo de literatura produzida e suas características temáticas/estruturais, cancioneros e outra informação relevante.

2a QUESTÃO (20 PONTOS)

Em pelo menos uma página fale sobre o Barroco Português, indicando e explicando as condições sócio-históricas, pelo menos quatro características e o seu principal contribuinte.

3a QUESTÃO (20 PONTOS)

Em pelo menos uma página, fale do acontecimento que originou os textos 1 e 2 em anexo. Não se esqueça de indicar, datas, intervenientes, razões, e consequências do mesmo evento para a Literatura Portuguesa.

4a QUESTÃO (20 PONTOS)

O Realismo pretende ser a voz da sociedade. Demonstre usando o poema *Contrariedades*, de Cesário Verde.

Lembrete: certifique-se de que respondeu apenas 3 questões

Anexo

Texto 1

Carta de António Feliciano de Castilho ao editor António Maria Pereira

(...)Vi-o, com verdadeiro assombro, crescer e gigantear de ano para ano, de estação para estação, quase de dia para dia; (...) hoje, (...) hoje o seu nome é já dos primeiros, a sua fama das mais extensas, os seus escritos dos mais festejados de relidos, e a sua fecundidade das com mais razão celebradas.

Eis aqui, portanto, em meu entender, o homem que hoje preencheria, honrando-a, a cadeira de literatura moderna.

«(...) Teófilo Braga —dirão— Antero de Quental¹, Vieira de Castro², talentos distintos, e de já não pequena clientela todos eles, têm sido, e continuam a ser, acremente objurgados por este aquilatador inexorável».

(...) Deixando de parte, por agora, Braga e Quental, de quem, pelas alturas em que voam, confesso, humilde e envergonhado, que 'muito pouco enxergo, nem atino para onde vão, nem avento o que será deles, afinal, por Vieira de Castro digo eu o que o próprio Pinheiro Chagas nunca se lembrou de contestar-lhe: que é um talento verdadeiro, grandioso, exorbitante, e dum futuro que me parece cobiçável.

Texto 2

Excertos da carta de Antero de Quental à Feliciano de Castilho

"... Mas é que a escola de Coimbra cometeu efectivamente alguma coisa pior de que um crime — cometeu uma grande falta: quis inovar. Ora, para as literaturas oficiais, para as reputações estabelecidas, mais criminoso do que manchar a verdade com a baba dos sofismas, do que envenenar com o erro as fontes do espírito público, do que pensar mal, do que escrever pessimamente, pior do que isto é essa falta de querer caminhar por si, de dizer e não repetir, de inventar e não de copiar. Porquê? Porque todos os outros crimes eram contra as ideias: haveria sempre um perdão para eles. Mas esta falta era contra as pessoas: e essas tais são imperdoáveis. Inovar é dizer aos profetas, aos reveladores".

Bom Senso e Bom Gosto

Texto 3

Contrariedades

Eu hoje estou cruel, frenético, exigente;
Nem posso tolerar os livros mais bizarros.
Incrível! Já fumei três maços de cigarros
Consecutivamente.

Dói-me a cabeça. Abafo uns desesperos mudos:
Tanta depravação nos usos, nos costumes!
Amo, insensatamente, os ácidos, os gumes
E os ângulos agudos.

Sentei-me à secretária. Ali defronte mora
Uma infeliz, sem peito, os dois pulmões doentes;
Sofre de faltas de ar, morreram-lhe os parentes
E engoma para fora.

Pobre esqueleto branco entre as nevadas roupas!
Tão lívida! O doutor deixou-a. Mortifica.
Lidando sempre! E deve a conta na botical!

Mal ganha para sopas...

O obstáculo estimula, toma-nos perversos;
Agora sinto-me eu cheio de raivas frias,
Por causa dum jornal me rejeitar, há dias,
Um folhetim de versos.

Que mau humor! Rasguei uma epopéia morta
No fundo da gaveta. O que produz o estudo?
Mais duma redação, das que elogiam tudo,
Me tem fechado a porta.

A crítica segundo o método de Taine
Ignoram-na. Juntei numa fogueira imensa
Muitíssimos papéis inéditos. A imprensa
Vale um desdém solene.

Com raras exceções merece-me o epigrama.

Deu meia-noite; e em paz pela calçada abaixo,
Soluça um sol-e-dó. Chuvisca. O populacho
Diverte-se na lama.

Eu nunca dediquei poemas às fortunas,
Mas sim, por deferência, a amigos ou a artistas.
Independente! Só por isso os jornalistas
Me negam as colunas.

Receiam que o assinante ingênuo os abandone,
Se forem publicar tais coisas, tais autores.
Arte? Não lhes convêm, visto que os seus
leitores
Deliram por Zaccone.

Um prosador qualquer desfruta fama honrosa,
Obtém dinheiro, arranja a sua coterie;
E a mim, não há questão que mais me contrarie
Do que escrever em prosa.

A adulação repugna aos sentimentos finos;
Eu raramente falo aos nossos literatos,
E apuro-me em lançar originais e exatos,
Os meus alexandrinos...

E a tísica? Fechada, e com o ferro aceso!

Cesário Verde, in 'O Livro de Cesário Verde'

Ignora que a asfixia a combustão das brasas,
Não foge do estendal que lhe umedece as casas,
E fina-se ao desprezo!

Mantém-se a chá e pão! Antes entrar na cova.
Esvai-se; e todavia, à tarde, fracamente,
Oíço-a cantarolar uma canção plangente
Duma opereta nova!

Perfeitamente. Vou findar sem azedume.
Quem sabe se depois, eu rico e noutros climas,
Conseguirei reler essas antigas rimas,
Impressas em volume?

Nas letras eu conheço um campo de manobras;
Emprega-se a réclame, a intriga, o anúncio, a
blague,
E esta poesia pede um editor que pague
Todas as minhas obras

E estou melhor; passou-me a cólera. E a
vizinha?

A pobre engomadeira ir-se-á deitar sem cela?
Vejo-lhe luz no quarto. Inda trabalha. É feia...
Que mundo! Coitadinha!